

OS ENTRAVES ENFRENTADOS PELA MULHER NA ASCENSÃO NO MERCADO DE TRABALHO

Oslei Camargo, Geografia, Universidade Estadual do Centro Oeste

osleii@hotmail.com

RESUMO: O presente trabalho refere-se ao relato de experiência vivenciada pelos alunos do 4º ano do curso de Geografia Licenciatura da Universidade Estadual do Centro Oeste –UNICENTRO- realizado no âmbito da disciplina de Estágio Supervisionado para o Ensino Médio. Pretende-se com o presente trabalho enfatizar a importância do estágio supervisionado na formação docente, bem como apresentar as atividades realizadas em forma de oficinas com alunos do Ensino Fundamental e Médio do Colégio Estadual Maria de Jesus Pacheco Guimarães. O tema trabalhado foi a educação de gênero, dando ênfase a mulher no mercado de trabalho visando analisar as desigualdades do recorte racial e de gênero, na sociedade brasileira, para o acesso das mulheres no mercado de trabalho, as desigualdades e preconceitos enfrentado por elas na ascensão meio profissional.

Palavras-Chaves: Estágio supervisionado, educação de gênero, mulher no mercado de trabalho.

INTRODUÇÃO

O presente relato de experiências trata da importância de aliar o conhecimento adquirido em sala de aula, durante o período de graduação, juntamente com pesquisas realizadas acerca da educação durante a experiência vivenciada no estágio supervisionado. No contexto trabalhado em sala de aula, busca-se relacionar o conhecimento do aluno com as novas informações a serem repassadas. Estas ações são descritas como contextos de desenvolvimento humano, ressaltando a importância da troca de informações e de relações apropriadas entre ambos.

É nesse contexto escolar que se torna possível desenvolver as metodologias utilizadas para que a aula se torne agradável ao aluno sem perder o objetivo de construir o conhecimento. Neste sentido, a prática de ensino aliada à maneira de trabalhar o conteúdo de forma dialogada e reflexiva permite ao aluno uma melhor assimilação e um aprendizado mais concreto.

Neste relato é apresentada uma experiência do estágio, no qual foi pensado no ganho de conhecimento do aluno, visando expor de forma agradável e compreensível o conteúdo programático, gênero e mulher no mercado de trabalho. Neste contexto, foi trabalhada a temática da diferenciação dos direitos do trabalho da mulher, exatamente por conta da proliferação das diferenças e da luta entre as classes, que começou há muitos anos e que infelizmente ainda existe no mundo atual. Esta discussão é de extrema importância no cenário atual, onde o esclarecimento faz com que a sociedade conviva de forma mais harmoniosa.

A discussão sobre o tema em pauta é faz-se necessária na sociedade atual, onde é possível notar muitas desigualdades, principalmente de gênero, sendo a diferença salarial entre homem e mulher no mercado de trabalho, um dos principais problemas, com índices alarmantes que necessitam de políticas públicas que proporcionem dignidade e igualdade de gênero.

METODOLOGIA

O presente trabalho foi baseado em oficinas nos quais apresenta a temática gênero e os entraves enfrentado pela mulher no mercado de trabalho, possuindo conceitos de gênero, preconceito, estereótipo, igualdade e equidade de gênero, sendo assim dividida em etapas nas quais consistiu: etapa 1 – revisão da literatura; etapa 2 – preparação e divisão das oficina; etapa 3 – aplicação das oficinas. Procuramos trabalhar com um material didático variado usando diferentes mecanismos para tornar cada oficina atraente e instrutiva.

Após a efetuação das etapas acima mencionadas ocorreu o desenvolvimento da oficina que foi realizado no colégio Maria de Jesus Pacheco Guimarães com alunos do 2ºano onde ocorreu com a temática proposta, além de desenvolver esse tema foi realizada dinâmica onde os participantes deveriam explicar em forma de desenhos e textos a diferença entre os gêneros para “alienígenas” que não sabiam o que isso significava, o resultado disso podemos observar nos cartazes no resultado e discussão desse trabalho.

REFERENCIAL TEÓRICO

A importância do estágio para a formação acadêmica e o conhecimento dos alunos em relação à questão de gênero.

O estágio é de importância fundamental para o desenvolvimento acadêmico, das diversas áreas do conhecimento, tratando-se da formação de professores Pimenta e Lima (2004) destaca ser o estágio o eixo central na formação de professores, pois é através dele que o profissional conhece os aspectos indispensáveis, para a formação da construção dos saberes indispensáveis na prática do dia- a- dia.

Segundo Cavalcanti (2002), o ensino escolar “é um processo que contém componentes fundamentais e entre eles há de se destacar os objetos, os conteúdos e os métodos”. Um dos objetivos da escola, e também da geografia, é formar valores, ou

seja, respeito aos outros, respeito às diferenças, combate às desigualdades e as injustiças sociais.

O ensino de geografia pode levar os alunos a compreender de forma mais ampla, o conhecimento nas questões de gênero e a dicotomia salarial entre homem e mulher, na qual possibilita que nela interfiram de maneira consciente e propositiva, porém, é preciso que os educandos adquiram conhecimento sobre o conteúdo a ser administrado, e dominem categorias, conceitos e procedimentos básicos a qual este campo de conhecimentos básicos opera e constitui suas teorias e explicações, de modo a poder não apenas compreender as relações socioculturais e o funcionamento que historicamente pertence, mas também conhecer e saber utilizar uma forma singular o conhecimento cultural de seus alunos.

Segundo Blay (2006, p.16): “Gênero é um tipo de relação social que se estabelece entre homens e mulheres, determinada pela cultura em que vivemos”. Com relação ao que o autor nos fala, é possível debater esse assunto dentro da sala de aula, com intuito de aperfeiçoar seus conhecimentos, de forma com que os alunos interajam e tire suas dúvidas a respeito do assunto.

Ainda segundo Blay (2006, p.16): “O preconceito de gênero é uma atitude social que diminui e exclui as pessoas, em geral as mulheres, de acordo com seu sexo” através do que o autor questiona é fundamental debater em sala de aula a questões de relacionadas ao preconceito.

A IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

O estágio é de importância fundamental para o desenvolvimento acadêmico, das diversas áreas do conhecimento, tratando-se da formação de professores Pimenta e Lima (2004) destaca ser o estágio o eixo central na formação de professores, pois é através dele que o profissional conhece os aspectos indispensáveis, para a formação da construção dos saberes indispensáveis na prática do dia- a- dia.

O ensino de geografia pode levar os alunos a compreender de forma mais ampla, o conhecimento nas questões de gênero e violência contra a mulher, na qual possibilita que nela interfiram de maneira consciente e propositiva, porém, é preciso que os educandos adquiram conhecimento sobre o conteúdo a ser administrado, e dominem categorias, conceitos e procedimentos básicos a qual este campo de conhecimentos básicos opera e constitui suas teorias e explicações, de modo a poder não apenas

compreender as relações socioculturais e o funcionamento que historicamente pertence, mas também conhecer e saber utilizar uma forma singular o conhecimento cultural de seus alunos.

Na atualidade, os assuntos mais encontrados em literaturas educacionais é a prática de ensino que tem assumido a importância fundamental para educação no Brasil e no mundo. Não sendo diferente quando cursamos uma graduação em licenciatura e devemos fazer estágios, pois com o estágio, temos a possibilidade de aprender na prática a profissão escolhida e as dificuldades enfrentadas por professores em uma sala de aula com os alunos. A experiência é muito importante e enriquecedora, pois, são os estágios, o primeiro contato com a profissão que escolhemos, assim é fundamental a preparação e a dedicação para as aulas ministradas nesse período, buscando sempre a melhor forma didática de repassar o conteúdo para os alunos.

Tendo sempre diversos materiais pedagógicos disponíveis como o uso das tecnologias e de materiais lúdicos para o desenvolvimento das atividades com os alunos, também, algo importantíssimo devemos sempre relacionar o conteúdo trabalhado em sala de aula com o cotidiano do aluno. Segundo Resende (1986, p.20):

“considero esta a falha mais grave de nossa geografia/nosso ensino: desprezar o ser histórico da geografia e, conseqüentemente, o ser histórico do aluno. Acolhê-los seria de certa forma, redefinir a relação mesma de ensino-aprendizagem, construir o caminho do reconhecimento, da descoberta, a partir da realidade vivenciada pelo aluno”.

Sendo assim é de extrema importância correlacionar o trabalho feito em sala de aula com o cotidiano do aluno, mostrando-o a importância dele para a sociedade em que vive, assim, devemos ter algumas medidas para trabalhar com os alunos uma das formas didáticas conhecida como “Tempestade Cerebral” (ANASTASIOU, 2004), é uma forma de resgatar o conhecimento prévio do aluno e estimular a participação na aula de forma espontânea, sempre visando não obter exatamente respostas exatas mais sim conseguir extrair informações com estes alunos para responder a questão central. Segundo Pontuschka:

“o currículo da escola deve partir do conhecimento prévio do aluno e não de um elenco de conteúdos selecionados por órgãos educacionais superiores”.
(Pontuschka, 2000, p147)

EQUIDADE DE GÊNERO

Embora muita gente os confunda, esses termos definem aspectos bem distintos de uma mesma pessoa. “Gênero” foi usado pela primeira vez para expressar uma diferença social e psicológica entre homens e mulheres em 1955, pelo psicólogo John Money (1921-2006). A filósofa Simone de Beauvoir (1908-1986) ajudou a teorizá-lo e evidenciou os componentes sociais em sua construção (daí sua frase “Não se nasce mulher, torna-se mulher”, citada no Enem 2015).

O avanço dos estudos nos anos 1970 e 1980, especialmente nas ciências sociais, reforçou a dissociação entre gênero e genitais (ou outras características físicas). Um exemplo é a transgeneridade, que vem sendo muito discutida nos últimos anos, mas também não é “novidade”: o termo “transgênero” foi criado pelo psiquiatra John F. Oliven há 50 anos e já foi bem aceito pela ciência desde então.

Há uma espécie de discriminação na forma social e legal, decorrente de uma estrutura social com históricos de intolerância ao empoderamento das mulheres. No entanto, a resistência constante às desigualdades existentes entre homens e mulheres, mostra que esse empoderamento vem acontecendo paulatinamente, tanto no meio profissional em cargos e salários, como na independência econômica, na criação dos filhos e no poder sobre seu próprio corpo.

Entretanto Laraia (2005) faz um destaque ao comportamento de meninos e meninas, que independem dos hormônios ou forma física, mas que são traçados pela educação que as crianças recebem;

O comportamento dos indivíduos depende de um aprendizado, de um processo que chamamos de endoculturação. Um menino e uma menina agem diferentemente não em função de seus hormônios, mas em decorrência de uma educação diferenciada. (LARAIA, 2005, p. 19-20).

É justamente essa educação diferenciada pelo gênero que vão formar homens e mulheres, definindo suas ações e responsabilidades a partir do sexo. Estabelecendo para o homem o dever de ser forte e valente e para a mulher ser paciente e benevolente. Fica, então, implícito ao caráter do homem o poder de decisão, de ordenar, justificando quando há violência, que acaba ocorrendo não apenas contra a mulher, mas aos filhos que se traumatizam presenciando-a ou ainda sendo vitimados.

HISTÓRIA – MULHER NO MERCADO DE TRABALHO

Na sociedade capitalista moderna, o trabalho feminino remunerado integrou-se a uma divisão sexual horizontal do mercado de trabalho, segundo a qual as mulheres concentram-se em um determinado setor de atividade, em função das características atribuídas culturalmente às mulheres, segundo a divisão social do trabalho em todas as sociedades, homens e mulheres realizam tarefas distintas. Entretanto, as tarefas atribuídas a cada sexo variam de cultura para cultura, ou ainda dentro da mesma cultura, de uma época para outra, através da identidade feminina predominante na época considerada. Suas ocupações têm em comum o fato de serem derivadas das funções de reprodução social e cultural, tradicionalmente desempenhadas pelas mulheres. Quando não são extensões diretas da domesticidade, requerem qualidades muito estimuladas na socialização das meninas (paciência, docilidade, meticulosidade, delicadeza, etc.), como por exemplo, nas linhas de montagem da indústria eletromecânica.

No século XIX, com a consolidação do sistema capitalista inúmeras mudanças ocorreram na produção e na organização do trabalho feminino. Com o desenvolvimento tecnológico e o intenso crescimento da maquinaria, boa parte da mão-de-obra feminina foi transferida para as fábricas. Desde então, algumas leis passaram a beneficiar as mulheres, no entanto, ainda não são suficientes, pois ainda existe um hiato na equivalência de direitos entre homens e mulheres.

Ficou estabelecido na Constituição de 32 que “sem distinção de sexo, a todo trabalho de igual valor correspondente salário igual; veda-se o trabalho feminino das 22 horas às 5 da manhã; é proibido o trabalho da mulher grávida durante o período de quatro semanas antes do parto e quatro semanas depois; é proibido despedir mulher grávida pelo simples fato da gravidez”. Mesmo com essa conquista, algumas formas de exploração perduraram durante muito tempo. Jornadas entre 14 e 18 horas e diferenças salariais acentuadas eram comuns. A justificativa desse ato estava centrada no fato de o homem trabalhar e sustentar a mulher. Desse modo, não havia necessidade de a mulher ganhar um salário equivalente ou superior ao do homem.

Parece que não tivemos grandes avanços desde a constituição de 32, as desvantagens salariais continuam pesando sobre as mulheres, elas já conquistaram muito nessa área, mas ainda há importantes desafios pela frente, como a obtenção de igualdade salarial, um dos fatores onde hoje temos a maior desigualdade. É preciso

avançar mais na legislação e alterar as relações de trabalho entre mulheres e homens. A dupla jornada de trabalho das mulheres é uma das principais responsáveis pelas condições desiguais entre mulheres e homens no mundo do trabalho.

Quando a mulher decide trabalhar fora de casa, seguir sua carreira, galgar seu espaço na sociedade, além de todos os desafios impostos pelo mercado, ela enfrenta outra barreira, a dupla jornada de trabalho, durante o horário comercial é a profissional, mas quando chega em casa assume o papel de mãe, esposa, amiga e muitas vezes é doméstica, sem poder contar com o auxílio do esposo ou filhos na divisão dos afazeres domésticos, como se ela tivesse que sofrer essa punição por querer ingressar no mercado de trabalho e ganhar seu espaço profissionalmente.

São diversas as desigualdades existentes na sociedade quando se refere ao gênero mulher no mercado de trabalho, ainda não foram superadas as recorrentes dificuldades encontradas pelas trabalhadoras no acesso a cargos de chefia e de equiparação salarial com homens que ocupam os mesmos cargos/ocupações. Mulheres entram no mercado de trabalho, mas com empregos menos qualificados, com menor espaço de decisões e exercício do poder e com salários mais baixos.

Segundo o IBGE (2010), as mulheres representam 51,3 % da população brasileira, no entanto, ainda têm dificuldades de inserção em setores que possui uma remuneração maior. Em relação à educação, estudam mais que os homens, a média é de um ano a mais de estudo, segundo o anuário. Ou seja, mais estudo e menos salários.

Uma pesquisa feita pela OIT (organização internacional do trabalho) com mais de 1200 empresas em 30 países, sobre mulheres na direção de grandes empresas, mostrou que cresceu tão pouco nas últimas décadas que no ritmo atual levaria entre 100 e 200 anos para se igualar aos homens. O mercado criou uma espécie de barreira que a mulher não pode passar, dependendo da cultura da organização, ainda são diferenciadas pelo sexo. Salários e promoções equivalentes e posições de destaque dentro das organizações são algumas das restrições com que a mulher tem se deparado no ambiente profissional.

Em toda sociedade machista e patriarcal, as mulheres têm historicamente, ficado na invisibilidade, confinadas nos espaços privados, sempre fora dos espaços públicos e sem consciência do próprio valor e de seu papel na sociedade, no início desta segunda década tivemos um exemplo de conquista feminina, pela primeira vez na história do

Brasil tivemos o cargo mais alto ocupado por uma mulher, a presidenta. Além disso, pela primeira vez também chegamos ao número 11 mulheres chefiando ministérios, mas esta conquista teve um curto prazo de duração, parece que nessa sociedade contemporânea o retrocesso faz parte do plano de vida.

Mulher Negra No Mercado De Trabalho

Em se tratando da mulher negra, uma forma de discriminação potencializa a outra. (MUNANGA, 2009). Incide sobre a mulher negra uma espécie de dupla discriminação, por pertencer à raça negra e ao gênero feminino. A desqualificação e desvalorização das mulheres em relação aos homens, e dos negros em relação aos brancos, afeta a ambos os grupos da população brasileira, e está na base da reprodução desigual de segmentação ocupacional. A desigualdade de oportunidades, no que se refere à inserção no mercado de trabalho, penaliza o segmento negro e, em especial, as mulheres negras.

As desigualdades de gênero e raça se expressam claramente nos indicadores de mercado de trabalho, como podemos analisar na tabela 1, o comparativo dos últimos 30 anos na análise sobre a participação das mulheres no mercado de trabalho, verifica-se que a maior concentração do segmento feminino está nas ocupações ‘trabalhador doméstico’ e ‘outros’, o que evidencia o nível de precarização que as mulheres encontram-se sujeitas.

TABELA 1 – Posição na ocupação da população de 15 aos 64 anos, segundo a raça, cor no sexo feminino por ano censitário – Brasil.

BRASIL %						
ANO	CATEGORIA	Trabalhadores domésticos (1)	Outros empregados (2)	Conta própria/empregador	Outros (3)	Total
1980	Mulher branca	-	80,7	13,9	5,3	100,0
	Mulher negra	-	73,4	21,1	5,5	100,0
1991	Mulher branca	11,3	64,8	19,4	4,5	100,0
	Mulher negra	22,1	53,5	21,1	3,3	100,0
2000	Mulher branca	14,0	59,7	20,8	5,5	100,0

	Mulher negra	25,7	48,4	20,4	5,5	100,0
2010	Mulher branca	11,1	64,7	20,0	4,1	100,0
	Mulher negra	19,9	56,5	16,4	7,2	100,0

Fonte: IBGE – Censo Demográfico

(1) Em 1980, os trabalhadores domésticos estavam incluídos na categoria 'Outros empregados';

(2) Inclusive funcionários públicos e militares;

(3) Incluem trabalhadores não remunerados e trabalhadores para o próprio consumo.

RESULTADOS

A intervenção foi feita no Colégio Estadual Maria de Jesus Pacheco Guimarães, localizado no distrito do Guará, município de Guarapuava-PR, o projeto foi aplicado em uma turma do primeiro ano do ensino médio. No primeiro momento da aula estimulamos os alunos para que eles falassem sobre seus conhecimentos sobre gênero, identidade de gênero, orientação sexual, expressão de gênero e o que eles já tinham ouvido falar acerca do tema, percebeu que existia certa dificuldade na compreensão do assunto, pois a maioria dos alunos diferenciava gênero apenas como homem e mulher.

O uso de material lúdico auxiliou muito para trabalhar com o tema gênero, imagens apresentadas no Data Show contribuíram para facilitar o entendimento e a compreensão de toda a sala, após a apresentação de todo o conteúdo temático sobre gênero foi realizado uma dinâmica, onde os alunos deveriam representar no papel o conhecimento assimilado sobre diferenças de gênero, foram divididos em grupos onde cada grupo deveria representar com desenhos o que era diferença de gênero no entendimento deles. Como podemos ver nas Figuras 1, 2 e 3.



Figura 1 – Desenhos elaborados pelos



Figura 2 – Alunos explicando por meio de desenhos o “trabalho de homem” e

alunos para diferenciar fisionomia de homem e mulher.

“trabalho de mulher”.



Figura 3 – Desenhos produzidos pelos alunos sobre o tema.

Nota-se que os alunos, mesmo depois de ter trabalhado todos os conceitos e especificidades sobre gênero, ainda confundem e não conseguem se expressar, isso deixa claro que o preconceito está muito presente no cotidiano de cada um e, eles não conseguem diferenciar sem usar os estereótipos criados ao longo dos anos e a opinião pré-determinada que afeta as relações interpessoais.

O desenvolvimento dessa oficina como as outras trás consigo um debate onde a curiosidade e a experiência de cada participante vem contribuir e enriquecer o debate pode observar que partes dos alunos participantes contribuem com ocorridos em seu próprio cotidiano o que fica evidente que esse tipo de duvidas sobre o preconceito de gênero esta presente no cotidiano deles.

EQUIDADE DE GÊNERO

No segundo momento da aula foi trabalhado um tema mais especifica ao gênero mulher, ao preconceito que ela sofre no mercado de trabalho, a questão da disparidade salarial, a sua luta pela igualdade de oportunidades na ascensão profissional, ao respeito pelas diferenças existentes entre homens e mulheres e às transformações das relações de poder que se dão na sociedade em nível econômico, social, político e cultural. Neste momento os alunos interagiram bastante, pois a cada exemplo ou dado citado sobre a

mulher no mercado de trabalho eles identificavam com algo do cotidiano deles e de suas famílias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na escola, as crianças investem seu tempo e se envolvem em atividades diferenciadas ligadas às tarefas formais (pesquisa, leitura dirigida), trabalhar com um tema que faça parte do cotidiano do aluno, faz com que eles se desenvolvam e melhorem as suas relações no âmbito escolar e familiar. Assim, é fundamental que sejam implementadas atividades, aulas e palestras que assegurem a aproximação entre os dois contextos, sobretudo no tocante aos processos de desenvolvimento e aprendizagem, não só em relação ao aluno, mas também a todas as pessoas envolvidas.

Hoje o perfil das mulheres é muito diferente daquele do começo do século. Além de trabalhar e ocupar cargos de responsabilidade assim como os homens, ela aglutina as tarefas tradicionais: ser mãe, esposa e dona de casa. Trabalhar fora de casa é uma conquista relativamente recente das mulheres. Ganhar seu próprio dinheiro, ser independente e ainda ter sua competência reconhecida é motivo de orgulho para todas. Apesar de que existe um longo e árduo caminho a ser percorrido, não somente pelas mulheres, mas por toda a sociedade, pois todos devem ser tratados e respeitados como pessoas, sem distinção de gênero.

REFERÊNCIAS

ANASTASIOU, L. & ALVES, L. **Processos de ensinagem na universidade: Pressuposto para estratégias trabalho em aula.** Joinville, Univale, 2004.

PONTUSCHKA, Nidia Nacib, Geografia, representações sociais e escola pública. Revista Terra Livre, São Paulo, n 15. 2000, p, 145-154. Disponível em: HTTP://www.agb.org.br/files/TL_N!%.pdf. Acesso em 16/12/2016

PORTILHO, E. M. L & ALMEIDA, S. C. D. **Avaliando a aprendizagem e o ensino com pesquisa no Ensino Médio** Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v. 16, n. 60, p. 469-488, jul./set. 2008.

Avaliando a aprendizagem e o ensino com pesquisa no ensino médio, Rio de Janeiro, v. 16 2008, p.469-488. Disponível em: <HTTP://WWW.scielo.br/pdf/ensaio/v16n60/v16n60a09.pdf>. Acesso em 05/07/2015.

RESENDE, Márcia Spyer. **A geografia do aluno trabalhador: caminhos para uma prática de ensino.** São Paulo, Loyola, 1986.

MENDES, A. A. E. & MILANI, M. L. **Inserção da Mulher Negra Brasileira no Mercado de Trabalho no Período de 1980 – 2010**. Universidade do Contestado, Brasil. 2016.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência**. São Paulo: Cortez, 2004.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia e prática de ensino**. Goiânia: Alternativa, 2002.

BLAY, Eva Altermann. **Ensino e educação com igualdade de gênero na infância e na adolescência - Guia prático para educadores e educadoras**. São Paulo: NEMGE/CNPq, 2ª edição, revista e ampliada, 2006.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.